



07 DE JANEIRO 2009
Quarta-feira

- VOLKS RETOMA PRODUÇÃO NO PR SEM DEFINIR AJUSTES
- SINDICATO DOS METALÚRGICOS ACOMPANHA A VOLKS
- SINDICATOS LUTAM CONTRA DEMISSÕES
- RENAULT DISPENSA MIL FUNCIONÁRIOS NO PARANÁ
- VENDAS DE VEÍCULOS VOLTAM A SUBIR EM DEZEMBRO E BATEM RECORDE EM 2008
- SIDERÚRGICAS TENTAM ELEVAR SEUS PREÇOS
- INDÚSTRIA TEM O PIOR RESULTADO DESDE 1995
- INDÚSTRIA TEM A MAIOR QUEDA EM 13 ANOS
- RENAULT REDUZ SEUS ESTOQUES NA EUROPA
- AUMENTAM OS ESTOQUES NO VAREJO DA CONSTRUÇÃO
- AJUSTE DE ESTOQUES VAI DURAR ATÉ 5 MESES, PREVÊ GOVERNO
- GOVERNO DEVE MUDAR A LEI DO MENOR APRENDIZ

Câmbio		
Em 06/01/2009		
	Compra	Venda
Dólar	2,188	2,188
Euro	2,946	2,948

VOLKS RETOMA PRODUÇÃO NO PR SEM DEFINIR AJUSTES

07/01/2009 – Gazeta do Povo

Depois de fechar um acordo com a montadora Renault que suspende os contratos de trabalho de mil trabalhadores por cinco meses, o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC) acompanha os passos a serem dados pela Volkswagen. Os

funcionários da montadora alemã em São José dos Pinhais voltaram ontem das férias coletivas.

A empresa havia anunciado folgas das suas equipes de produção às segundas e sextas-feiras como forma de evitar demissões. Até ontem, porém, o sistema não havia entrado em vigor.

Para o presidente do SMC, Sergio Butka, o momento é delicado, mas se for confirmada a produção normal, será um bom indício. "Isso pode significar um aumento nos pedidos e dessa maneira não haveria necessidade das folgas", disse. A montadora não confirmou mudança nos planos.

Renault

No caso da Renault, Butka voltou a ressaltar a importância do acordo como forma de manter os empregos. "Não houve flexibilização de nenhum direito do trabalhador, o que é importante, e isso não deve acontecer em situação alguma", afirmou. Butka também ressaltou a possibilidade de parte dos trabalhadores voltar antes do fim da suspensão.

Pelo acordo, mil trabalhadores receberão R\$ 700 do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) enquanto passam por treinamento. A Renault se comprometeu a pagar um complemento para que os funcionários continuem com o mesmo rendimento líquido.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS ACOMPANHA A VOLKS

07/01/2009 – O Estado do Paraná

Depois de fechar um acordo com a montadora Renault, que suspende os contratos de trabalho de aproximadamente 4,5 mil trabalhadores por cinco meses, o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (Simec) acompanha agora os passos a serem dados pela montadora Volkswagen.

A empresa havia anunciado folgas das suas equipes de produção às segundas e sextas-feiras como forma de evitar demissões, mas até ontem, segundo o Simec, não tinha ocorrido a convocação das folgas para os trabalhadores.

Segundo o presidente do Simec, Sergio Butka, o momento é delicado, mas se for confirmada a produção normalmente, será um bom indício. "Havia sido feito um pré-acordo para essas folgas, mas pode significar um aumento nos pedidos de veículos e dessa maneira não haveria necessidade, o que seria uma boa notícia para a categoria", disse.

SINDICATOS LUTAM CONTRA DEMISSÕES

07/01/2009 – Gazeta do Povo

O retorno dos trabalhadores ligados à indústria automobilística brasileira segue repleto de indefinições. Ontem, sindicatos de metalúrgicos da Grande São Paulo tentavam reverter demissões em fabricantes de autopeças, ao mesmo tempo em que organizavam protestos para o decorrer da semana. O argumento dos trabalhadores é de que os resultados obtidos no ano passado, recorde segundo informou ontem a Fenabreve, permitem a manutenção dos empregos.

De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, a multinacional americana TRW "desrespeitou um processo de negociação em andamento e provocou a imediata reação dos trabalhadores", ao demitir 200 funcionários de sua unidade em Diadema (SP). A empresa confirmou as demissões por meio de sua assessoria de imprensa, mas não comentou o assunto.

Hoje, a direção do sindicato se reunirá com os trabalhadores da unidade para obter maiores detalhes da situação na TRW. Para amanhã, o sindicato está convocando os trabalhadores a participarem de um ato contra as demissões. Na página da entidade na internet, o aviso era de que o ano começa com guerra contra demissões.

Com objetivo semelhante, o Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos (SP), realizou ontem de manhã uma manifestação contra a demissão de 227 empregados da Valeo, também fabricante de autopeças. Em comunicado, os metalúrgicos afirmaram que que continuam tentando uma solução negociada com a empresa, e que novas assembléias serão realizadas. As demissões na Valeo ocorreram em dezembro.

Em Campinas (SP), segundo informações do sindicato dos metalúrgicos, até o momento não ocorreram cortes de pessoal nas autopeças instaladas na região. O único problema, de acordo com o sindicato, está localizado na Electrocast, que deixou de pagar o salário e décimo terceiro de cerca de 360 empregados. O departamento de recursos humanos da empresa não quis comentar o assunto, mas confirmou as informações do sindicato. O atraso teria ocorrido por conta dos impactos da crise financeira no mercado automobilístico mundial.

Apesar da queda das vendas registrada no último trimestre do ano passado, os dados divulgados ontem pela Federação Nacional dos Distribuidores de Veículos Automotores (Fenabreve) indicaram uma reação do mercado após às medidas de incentivo implementadas pelo governo federal. Conforme o balanço da entidade, as vendas de veículos novos registraram em dezembro alta de 10,61% em relação a novembro, interrompendo uma seqüência de duas quedas mensais. No último mês do ano, foram comercializadas 183,92 mil unidades entre veículos de passeio e comerciais leves. Na comparação com dezembro de 2007, entretanto, foi registrada queda de importantes 20,49%.

Já no acumulado de 2008, foram comercializados 2,671 milhões de automóveis, alta de 14% em relação a 2007. Apesar do congelamento do mercado observado a partir de setembro, o desempenho dos oito primeiros meses de 2008 garantiu o crescimento das vendas em bases anuais.

No segmento de caminhões e ônibus, no entanto, a queda nas vendas não cessou. Conforme os números da Fenabreve, foram vendidos em dezembro 8,457 mil caminhões, queda de 10,41% ante o mês anterior. No caso dos ônibus, o recuo foi mais discreto, de 0,59%, para 2,174 mil unidades.

Mesmo assim, o segmento apurou alta de 24,91% sobre 2007 na venda de caminhões, totalizando 123,28 mil unidades. Já no mercado de ônibus, foi registrado crescimento de 18,89%, com 26,33 mil veículos comercializados.

RENAULT DISPENSA MIL FUNCIONÁRIOS NO PARANÁ

06/01/2009 – Folha de Londrina – Bond News

A indústria automobilística brasileira iniciou o ano insegura, apesar da recuperação das vendas em dezembro na comparação com novembro. Montadoras já começaram a anunciar novas medidas para reduzir a produção, além das férias coletivas dadas no fim do ano.

A Renault vai suspender por cinco meses os contratos de trabalho de mil empregados da fábrica de São José dos Pinhais (PR), o equivalente a 30% da mão-de-obra da marca francesa.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, a medida vai evitar que esses funcionários sejam demitidos este mês, conforme ameaçava a empresa. No período que ficarem em casa, terão direito a bolsa de qualificação profissional, paga pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e ajuda compensatória da montadora, sem natureza salarial.

O valor somado equivale ao salário mensal do funcionário, conforme prevê a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A empresa confirmou a medida, mas não deu detalhes. Entre as fabricantes locais, a Renault foi a que obteve maior crescimento de vendas em 2008, de 56,4%, com 115,1 mil veículos.

A PSA Peugeot Citroën já havia anunciado, em dezembro, licença remunerada para 700 funcionários da fábrica de Porto Real (RJ) por três meses a partir de janeiro. Outros 2,6 mil empregados do grupo que estavam em férias coletivas retomaram atividades ontem.

De um total de cerca de 75 mil trabalhadores das montadoras que entraram em férias no fim do ano, aproximadamente 37 mil retornaram ontem. Os demais voltam nas próximas semanas. Os períodos de paradas no fim de 2008 foram superiores aos de anos anteriores.

Na fábrica da General Motors de Gravataí (RS), 5,2 mil operários que retornaram ontem vão trabalhar apenas dez dias e entrarão novamente em férias, por um mês. A unidade produz os modelos Celta e Prisma. Na filial de São José dos Campos (SP), 300 funcionários da linha de motores também ficarão em casa por mais um mês a partir do dia 12.

VENDAS DE VEÍCULOS VOLTAM A SUBIR EM DEZEMBRO E BATEM RECORDE EM 2008

07/01/2009 – Gazeta do Povo

Apesar do impacto da crise sentido no terceiro trimestre, a indústria automotiva brasileira fechou 2008 com o melhor desempenho da história, informou nesta terça-feira a Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). No último ano, a indústria automotiva vendeu 4,849 milhões de unidades de automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus, motos e implementos rodoviários vendidos - número 14,3% maior do que o verificado em 2007. A previsão inicial da Fenabrave era de crescimento de 19% no ano, mas o recuo verificado no fim do ano afetou o resultado.

O setor, no entanto, já dá sinais de recuperação: depois que o governo tomou medidas como a redução do IPI e a ampliação da oferta de crédito para as empresas, as vendas se recuperaram em dezembro, após dois meses de queda. Frente a novembro, a comercialização de automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus novos no país avançou 11,54% em dezembro. Ainda assim, as vendas de 345,45 mil

veículos em dezembro foram 16,39% menores que o registrado no mesmo mês de 2007.

A queda da demanda por automóveis desde o agravamento da crise, no fim de setembro, derrubou a produção do setor, que recuou 22,6% em novembro na comparação com outubro. O resultado contribuiu para a queda de 5,2% da produção industrial nacional no penúltimo mês de 2008, pior resultado desde 1995.

Em meados do mês passado, a Fenabreve previu um recuo de 19% nas vendas em 2009 sobre 2008, mas nesta terça-feira alterou a estimativa para uma alta de 3,13% com a possibilidade de atingir 4,89 milhões de unidades.

Naquele momento, as vendas da primeira metade de dezembro mostravam retração de 3,05% sobre o mesmo período de novembro e recuo de 27,8% na comparação anual.

Também na época, o governo anunciou corte de impostos que somaram 8,4 bilhões de reais para as pessoas físicas e para a indústria automotiva para estimular a economia. Reduções no Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente em veículos foram repassadas aos preços.

Para Reze, a situação do setor automotivo no Brasil é menos preocupante do que a enfrentada nos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão. As vendas das principais montadoras recuaram mais de 30% nos EUA em dezembro.

- Quando há uma crise, há uma queda muito acentuada neste mercado. No Brasil, o mercado ainda é muito jovem, em crescimento. Ele pode dar uma parada por um período e volta a crescer. Vamos atingir essa maturidade desse mercado em pelo menos uns 10 anos, ainda temos espaço para crescer - disse, em entrevista à rádio CBN.

SIDERÚRGICAS TENTAM ELEVAR SEUS PREÇOS

07/01/2009 – Valor Econômico

Num sinal prematuro de que alguns preços siderúrgicos podem ter chegado a seu piso, fabricantes de aço nos Estados Unidos, China e outros países estão experimentando fazer anúncios de altas para certos produtos e reabrindo um punhado de usinas que haviam sido fechadas por causa da baixa demanda alguns meses atrás.

Ainda não está claro se os aumentos vão vingar. Os fornecedores de aço costumam anunciar altas de preço ou sobretaxas especiais mas voltam atrás quando clientes regateiam ou quando a concorrência não faz o mesmo. Também não está claro se as altas refletem aumento na demanda ou redução nos estoques.

Em dificuldades, montadoras, empreiteiras e fabricantes de eletrodomésticos e equipamentos reduziram suas compras de aço. A maioria das usinas que fecharam nos últimos meses continua desligada e muitas ao redor do mundo estão operando a menos de 50% de sua capacidade.

Mas as siderúrgicas deram sinais de estar cautelosamente otimistas de que há demanda suficiente para sustentar aumentos de preços em algumas partes do mundo. A Allegheny Technologies Inc., com sede nos EUA, informou que aumentaria em 55% suas sobretaxas em aços elétricos em fevereiro, para US\$ 321 a tonelada curta. (Uma

tonelada curta é cerca de 907 quilos.) As sobretaxas são aplicadas sobre preços base, geralmente para compensar custos com matéria-prima, e podem variar mensalmente.

A também americana AK Steel Holding Corp. informou que está aumentando de US\$ 10 para US\$ 165 por tonelada curta a sobretaxa para pedidos de aço elétrico despachados em fevereiro.

A ArcelorMittal, que exibe a maior produção de aço do mundo, disse que vai reabrir sua usina de fios e cabos de aço no Estado americano da Carolina do Sul na próxima terça-feira. A companhia, que tem sede em Luxemburgo, fechou a maior parte da usina em dezembro, demitindo 300 funcionários, sob alegação de fraca demanda e preços baixos.

Na China, várias siderúrgicas anunciaram altas de preços de 5% a 25% para vários produtos. A Baosteel Group Co. e a Anshan Iron & Steel Group Corp. informaram que vão aumentar seus preços para aço laminado a quente, um produto básico que é transformado para vários fins. A Baosteel também afirmou que vai aumentar a produção de algumas de suas usinas.

Na Turquia, o preço de laminados a quente fabricados no país vai subir cerca de 4,5% este mês, para US\$ 460 a tonelada, porque a demanda na construção civil começou a retornar. Executivos do setor no Japão disseram ontem que prevêem um início de recuperação do aço em meados do ano, conforme os estoques caíam e as siderúrgicas reduzem a produção.

A siderurgia é um dos termômetros da economia mundial porque o metal é usado para uma infinidade de produtos, de eletrodomésticos a pontes. As altas propostas e as reaberturas isoladas de fábricas indicam que partes da base industrial mundial pode estar menos anêmica.

Analistas de siderurgia, notando que o mercado continua fraco, em geral, disseram que as altas propostas podem ser reflexo de uma queda de estoques, em vez de alta da demanda. "A demanda de aço provavelmente vai continuar fraca em 2009", segundo a Moody's Investor Service. "Esperamos que o ritmo de movimento para baixo se reduza e que um nível de estabilidade ocorra no segundo semestre."

As siderúrgicas americanas estão apostando no plano de estímulo do governo do presidente eleito Barack Obama para alimentar a demanda por projetos de infraestrutura, embora isso possa levar um ano para beneficiar fabricantes de aço.

Certos países europeus estão mais distantes de uma possível recuperação, disseram analistas. Usinas alemãs, ucranianas e polonesas ainda estão cortando produção e demitindo trabalhadores para alinhar a produção à demanda.

INDÚSTRIA TEM O PIOR RESULTADO DESDE 1995

07/01/2009 – Gazeta Mercantil

A indústria brasileira colocou o pé no freio em novembro. A Pesquisa Industrial Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou queda de 5,2% na produção industrial do mês em relação a outubro. Trata-se do pior desempenho apurado pelo instituto desde 1995. Em comparação com o mesmo mês em 2007, a atividade apresenta 6,2% de desaceleração e marca o fim de um ciclo de 28 meses de expansão.

Segundo Silvio Salles, do IBGE, a retração intensa na produção física registrada na pesquisa mostra a velocidade com que a crise internacional impactou o setor industrial. A perda de ritmo da atividade reforça as projeções de uma queda maior do Produto Interno Bruto (PIB) do último trimestre de 2008 e a aposta do mercado no corte de 0,5 ponto percentual da taxa Selic na próxima reunião do Copom.

A LCA Consultores reduziu a sua estimativa para o PIB do quarto trimestre. As novas projeções indicam queda de 1% no período em comparação com o trimestre anterior. "Isso significa que a chance de uma recessão técnica, ou seja, dois trimestres consecutivos de queda, é predominante", afirma o economista-chefe da consultoria Bráulio Borges.

O recuo foi expressivo em segmentos sensíveis a crédito, como as montadoras, que fecharam novembro com queda de 22,6% na produção. Este setor foi seguido pela diminuição de 11,9% da indústria de máquinas e equipamentos. Os ramos de edição e impressão, com queda de 14,8%, indústrias extrativas (menos 10,9%) e metalurgia básica, com redução de 10,2%, completam o quadro da desaceleração.

De acordo com o IBGE, o desempenho industrial apresentou piora em 21 das 27 áreas pesquisadas.

a5(Gazeta Mercantil/1ª Página - Pág. 1)(Ana Cecília Americano, Ana Carolina Saito e Jaime Soares de Assis)

INDÚSTRIA TEM A MAIOR QUEDA EM 13 ANOS

07/01/2009 – Estadão

crise internacional caiu como uma bomba sobre a indústria brasileira, que em novembro teve o pior resultado em mais de 13 anos. A produção encolheu 5,2% ante outubro, o maior recuo desde maio de 1995, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os recordes negativos se avolumaram no cenário de reversão brusca para o setor. A queda de 6,2% ante novembro de 2007 foi a maior ante igual mês de ano anterior em sete anos. A indústria de veículos automotores despencou 22,6% ante outubro, o maior tombo em 17 anos.

"Houve um aprofundamento da queda industrial e alargamento dos setores atingidos", avaliou o coordenador de indústria do IBGE, Silvio Sales.

Para ele, os resultados "mostram a excepcionalidade desse momento que atinge a indústria, que é mais intensa em bens duráveis e intermediários, mas se espalha para outros setores e tem a ver com a mudança de cenário na economia mundial, que deteriorou, no Brasil, as expectativas de empresários e consumidores".

Sales destacou a rapidez na piora do desempenho da indústria. Ele exemplificou que, levando em consideração a série com ajuste sazonal (dados ante o mês anterior), houve um recuo acumulado de 7,8% na produção em outubro e novembro, muito intenso para um período tão curto. Segundo ele, uma queda dessa magnitude só ocorreu no período de outubro de 2002 a junho de 2003, ou seja, um tempo muito maior. "Esses dados dão ideia da alteração brusca de cenário sobre o fluxo de produção", disse.

CRÉDITO

O mesmo crédito que vinha impulsionando a indústria desde 2007 foi o principal responsável pela virada em novembro. A produção de bens de consumo duráveis foi, das quatro categorias de uso pesquisadas, a que teve maior impacto, com recuo de 20,4% ante outubro e 22,1% ante novembro de 2007 - mais um destaque negativo, já que queda maior só ocorreu em maio de 1999.

Sales atribui o desempenho do setor de bens duráveis ao fato de ser mais sensível à redução do crédito. A queda foi puxada especialmente, na comparação com novembro de 2007, pelos automóveis (-34,2%). Segundo ele, esse setor foi o mais afetado pela súbita restrição de crédito. Isso desencadeou efeitos como férias coletivas e redução da produção. Houve queda também em eletrodomésticos (12,9%) e celulares (4,6%).

No caso dos veículos automotores (que inclui caminhões e jipes), o coordenador do IBGE observou que a queda na produção "tem um encadeamento com vários setores industriais, como o de autopeças e de aço".

Segundo ele, o desempenho nesses segmentos contribuiu para os resultados ruins na produção de bens intermediários - categoria de maior peso na estrutura industrial, que inclui aço, alimentos, têxteis -, com queda de 3,9% em novembro ante outubro e de 7,5% ante novembro de 2007, sob o impacto também da desaceleração das exportações.

Até mesmo os bens de capital, que vinham puxando a indústria junto com os duráveis e pareciam impermeáveis ao início da deterioração industrial, já apurada nos dados do IBGE de setembro, mostraram forte desaceleração em novembro, com queda de 4% ante outubro, apesar do aumento de 3,6% na comparação com novembro de 2007.

Em relação a novembro de 2007, os bens de capital para a indústria, que sinalizam os investimentos no setor, tiveram queda de 10,9% na produção em novembro ante igual mês de 2007, o pior resultado desde outubro de 2005. Os bens de capital para construção também caíram (8%), assim como bens de capital para uso misto, que inclui o setor de informática e cuja queda foi de 20,1%.

RENAULT REDUZ SEUS ESTOQUES NA EUROPA

07/01/2009 - Gazeta Mercantil

A Renault bateu as metas para desafogar os veículos que não haviam sido vendidos e disse que o mercado automobilístico da Europa pode ter chegado ao fundo do poço no último trimestre.

A companhia cumpriu sua promessa de reduzir os estoques de € 6,5 bilhões em junho para € 5,9 bilhões em veículos, materiais e peças no final de 2008, disse ontem Patrick Petala, em uma concessionária Renault em Argenteuil, subúrbio de Paris.

"Fizemos um pouco melhor que isso", disse Petala, sem dar cifras. "Isto permite que entremos 2009 com uma saúde melhor".

Os fabricantes de carros europeus reduziram drasticamente a produção nos últimos meses para conter um aumento no número de veículos não vendidos à medida que os consumidores evitavam fazer compras muito caras em meio ao crescente abatimento

econômico. O progresso da Renault em relação aos estoques teve um preço, disse Pelata: um corte de produção de 50% no quarto trimestre.

Demanda em baixa

As ações da Renault subiram 8% desde o final de 2008, um ano em que elas despencaram 81%, transformando a Renault no pior performer no Bloomberg Europe Autos Index. "As ações caíram tanto que a mais ligeira notícia positiva deve ajudar", disse Thomas Besson, analista do Merrill Lynch, que recomenda comprar as ações.

Os estoques da Renault caíram para cerca de 70.000 veículos a partir de 31 de dezembro em comparação com mais de 100.000 em setembro, disse a montadora sediada em Boulogne-Billancourt, na França.

A demanda europeia por carros este ano vai "provavelmente" permanecer cerca de 25% abaixo dos níveis de 2007, "alinhada com o último trimestre de 2008", disse Pelata em uma entrevista para a Bloomberg Television. (Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 1) (Bloomberg News)

AUMENTAM OS ESTOQUES NO VAREJO DA CONSTRUÇÃO

07/01/2009 – Gazeta Mercantil

O varejo especializado na venda de material de construção começa o ano com disposição. Depois de segurar os pedidos para a indústria de novembro até a primeira quinzena de dezembro, por conta de dificuldades de crédito junto aos fornecedores e do aumento de preço dos produtos com insumos importados, os varejistas estão não só voltando a se abastecer, mas também elevando os pedidos. "O varejo seguiu as compras e desovou os estoques no final de 2008 através de ofertas para fazer caixa. Agora, as redes estão com estoques baixos e precisam repor produtos. Os executivos negociam à exaustão para conseguir bons preços", diz Cláudio Conz, presidente da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (Anamaco).

De acordo com a entidade, os varejistas estão dispostos a aumentar os estoques em até 10% para conseguir descontos em seus pedidos. A C&C, maior rede varejista do setor, confirma a disposição do varejo para negociar maiores volumes com a indústria. E na rede Dico, as negociações estão ainda mais agressivas. Em algumas categorias a varejista encomendou até 25% a mais do que normalmente compraria para esta época do ano. "Aumentamos o volume de compras e conseguimos boas negociações", afirma Dimitrios Markakis, presidente da empresa.

Hoje, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, se reúne com o setor da construção civil e infraestrutura para discutir medidas de incentivo a estas áreas. A principal expectativa do varejo é a redução da burocracia em financiamentos com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

C2 (Gazeta Mercantil/1ª Página - Pág. 1) (Cintia Esteves)

AJUSTE DE ESTOQUES VAI DURAR ATÉ 5 MESES, PREVÊ GOVERNO

07/01/2009 – O Estado do Paraná

O governo já esperava uma forte queda na produção industrial em novembro, em virtude de um severo ajuste de estoque feito pelas empresas. Esse processo ainda

não terminou e, segundo avaliação feita ontem por fontes oficiais, poderá levar ainda entre três e cinco meses.

Antes da crise, em agosto, os estoques já eram apontados pelas próprias empresas como exagerados, mesmo para uma economia que, naquele momento, estava superaquecida. A partir de setembro, depois da quebra do banco de investimento Lehman Brothers, evento que marca o agravamento da crise financeira mundial, as empresas passaram a reduzir drasticamente a produção para desovar estoques.

Como as indústrias estavam queimando estoques, passaram a produzir menos. Quando terminar esse ajuste, a produção industrial tenderá a subir um pouco para se adequar a uma demanda que, embora ainda desconhecida, certamente será menor do que a de antes da crise.

Essa análise é válida, em especial, para as montadoras, que vinham trabalhando com altos volumes de estoques e concederam férias coletivas para os trabalhadores assim que a crise se agravou. Mas também se aplica a outros setores da indústria, que, em geral, calibravam o nível de produção contando que, a despeito do aperto monetário promovido pelo Banco Central desde abril de 2008, a demanda agregada continuaria a se expandir a taxas elevadas.

O relatório de inflação do BC de dezembro, divulgado há duas semanas, já relacionava a contração da produção industrial ao volume excessivo de estoques. Nesse documento, a autoridade monetária assinala que a Sondagem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas já havia caído abaixo de 100 em agosto, o que significa que, mesmo antes do agravamento da crise, o número de empresas que achavam que o estoque era excessivo superava as que avaliavam que o estoque era insuficiente. Em novembro, o indicador caiu para 86, menor nível desde agosto de 2005.

"Essa estatística sugere que, além de considerarem os níveis de estoques excessivos, as empresas de certa forma foram surpreendidas pela desaceleração da demanda industrial que se seguiu à intensificação da crise financeira internacional", diz o BC, em seu relatório de inflação.

O documento cita ainda a Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), cujo indicador chegou a 51,5 em setembro. Quando o indicador de estoques supera 50, ele revela que a demanda efetiva foi maior do que a planejada pelas empresas. "Na margem, a diferença entre o estoque efetivo e o planejado parece que estaria aumentando", diz o BC, no relatório.

GOVERNO DEVE MUDAR A LEI DO MENOR APRENDIZ

07/01/2009 – O Estado do Paraná

Depois do fracasso do programa Primeiro Emprego no enfrentamento do desemprego entre os jovens, que chega a ser três vezes maior do que a taxa entre os adultos, o governo deve mudar a lei do menor aprendiz - que abrange jovens entre 14 e 24 anos - para aumentar o número de vagas de 140 mil para 1,5 milhão, segundo Carlos Lupi, ministro do Trabalho. A ideia é obrigar as empresas a contratarem o equivalente a 5% do total de funcionários.

Segundo o ministro, o governo está dialogando e criando um novo mecanismo, um novo método para ampliar a participação dos jovens. Para isso, o presidente pode editar uma medida provisória, dependendo da necessidade. A mudança também vai

facilitar o trabalho dos fiscais, que, de posse dos registros da pasta, já saberão com antecedência quantos aprendizes cada empresa tem de contratar, sem ter de fazer contas in loco.

Além da alteração na lei, será estabelecido um arco ocupacional para cada setor. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi contratada para fazer um estudo nesse sentido. Ou seja, vai listar todas as ocupações que um menor aprendiz deve aprender na empresa, de acordo com o ramo de atuação. No setor bancário, os estudos já estão em fase avançada.